

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Morro dos Prazeres, este morro tem história (MP)

A luta constante

História de [Heitor dos Prazeres \(Heitor Aleixo da Silva\)](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 09/03/2002

Projeto Morro dos Prazeres
Realização Instituto Museu da Pessoa
Entrevista de Heitor dos Prazeres
Entrevistado por Neide
Rio de Janeiro, 9 de março de 2002
Código: MP_HV007
Transcrito por ?
Revisado por Paola Feltrin Ramos

P/1- Sr. Heitor dos Prazeres, pode me dizer seu nome completo?

R - Heitor Aleixo da Silva, popular Heitor dos Prazeres.

P/1 – Me diga o local e data do seu nascimento, por favor.

R – 17 de julho de 1957.

P/1 – Tem algum apelido?

R – Heitor dos Prazeres, como mencionei anteriormente.

P/1- Por favor, me diga o nome do seu pai e de sua mãe.

R – José Aleixo da Silva e Sebastiana Aleixo da Silva.

P/1 – Qual é a origem dos seus pais?

R – Eles vieram do estado do Rio de Janeiro, haja visto que eles estavam lá , quando eu falei com a senhora.

P/1 – O que eles faziam na época?

R - Mamãe era doméstica, dona do lar. Papai era aquele pedreiro de primeira mão.

P/1- Me diga o nome de seus avós maternos e paternos, por favor.

R - Severo da Silva e Juventina da Silva. Joselina da Silva e Antonio Leite da Silva.

P/1 - Quais são as origens deles?

R – Interior do Rio de Janeiro, Barra do Piraí, pra ser bem claro.

P/1 - O senhor tem quantos irmãos?

R – Sinceramente tenho oito, sendo que os que restaram fomos eu e mais duas irmãs. Infelizmente, Deus levou os outros.

P/1 – O senhor pode me dizer a religião de sua família?

R – Católica.

P/1 - Você continua?

R – Com certeza.

P/1 – O senhor é casado ou solteiro?

R – Casado maravilhosamente bem há 23 anos. Não tenho nada a questionar nesse sentido.

P/1 – Descreva a rua em que o senhor morava e o bairro.

R – Morro dos Prazeres até porque sou de origem, nascido e criado na Travessa dos _(?)_ número sete, sobrado, conhecido popularmente dentro da comunidade como Barreira. Logo após a Associação dos Moradores do Morro dos Prazeres.

P/1 – Como era a sua casa?

R – Simples, modesta, dentro daquele contexto que o cidadão merece. Quarto, sala, dois quartos, cozinha, banheiro, uma suítezinha para que eu pudesse ter minhas coisas lá e um terraço.

P/1- Quais eram as brincadeiras que o senhor gostava mais?

R - As brincadeiras?

P/1 – De infância.

R - De infância? Futebol. Minha grande paixão [risos].

P/1 – Qual é o cotidiano da sua família?

R – Cotidiano? É esse, torcer pelo Flamengo, samba...até porque papai e mamãe sempre gostaram. Mamãe faz parte da _(?)_, foi uma das primeiras baianas dos Acadêmicos dos Prazeres; e papai é torcedor fanático do Flamengo. Essa era a nossa grande alegria.

P/1 –O senhor teve educação religiosa? Ou política?

R – Política, o dia a dia me trouxe a conviver com a necessidade da comunidade, até porque sempre tive uma vivência do termo: “O que é viver numa comunidade carente?”. Comecei a ver o lado, não só meu, mas de toda a comunidade.

P/1- Com quantos anos começou a trabalhar e qual foi o seu primeiro emprego?

R – Com 13 anos arrumei o meu primeiro emprego, até porque meu irmão me conduziu como office boy na firma (Angefilme?), que até hoje existe, por sinal. Rua do Mestre, 74, sobreloja.

P/1- No seu período de estudo, qual era a expectativa de uma carreira profissional? O que o senhor queria ser depois que tivesse acabado de estudar?

R – Meu grande êxito na vida era me formar em Direito, que eu acho que é a coisa mais linda que existe na face da terra. Mas, infelizmente, pela necessidade que a vida me ofereceu, meu pai e minha mãe eram carentes, com poucos recursos financeiros e eu não pude seguir a carreira. Mas essa era a minha grande paixão. Infelizmente, não fui contemplado.

P/1 - Quando o senhor chegou no Morro dos Prazeres, qual foi o seu primeiro emprego?

R – Quando cheguei?

P/1 –É. Assim que chegou.

R – Fui nascido e criado em Morro dos Prazeres. Meus pais foram um dos primeiros moradores do Morro dos Prazeres. Por sinal, pra quem não conhece, não era Morro dos Prazeres, era Travessa dos Prazeres. Eu fui nascido e criado em Morro dos Prazeres.

P/1- Começou a trabalhar em que lá?

R – Eu comecei o dia a dia de minha infância com 13 anos. Antes de eu ter aquela profissão que eu já mencionei anteriormente, eu fazia carreto em feira pra poder sobreviver, porque a gente não tinha grandes condições.

P/1- Algum dos seus outros familiares faziam a mesma coisa?

R – Com certeza, até porque a família era pobre. A gente não tinha grandes recursos.

P/1 - Bem, o salário de renda para sobreviver, era esse mesmo?

R – Meu pai era pedreiro, minha mãe dona do lar. Até porque pedreiro naquela época tinha um salário decente que dava pra pessoas terem, pelo menos na parte alimentícia, a gente tinha condições de viver bem. Mas, até acrescentando algo mais. Dentro da sua pergunta sobre recursos, a dificuldade era muito grande, até porque nem uma televisão a gente tinha pra assistir: eu e meus irmãos assistíamos na casa de terceiros. Mas tínhamos uma vida decente.

P/1- Alguém mais na família trabalhava?

R – Não. Só papai e mamãe.

P/1 – Como chegou a fazer o que o senhor faz hoje?

R – Como eu cheguei a fazer o que eu faço hoje?. No caso, a minha profissão e minha experiência? Eu entrei como mensageiro e, a pouca experiência que eu tinha, fui adquirindo nas máquinas. Até hoje guardo na lembrança o encarregado na época, que se chamava Waldir, do Morro do Salgueiro. Ele é quem me deu força para que eu me tornasse um operador de máquinas. E com três meses, dentro daquilo que eu fazia, de mensageiro passei a ser operador de máquina e futuramente passei a ser operador de máquina off set.

P/1 – Como o senhor já disse, foi nascido e criado em Morro dos Prazeres. Quando deixou de morar em Morro dos Prazeres?

R – Parece negócio do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística].

P/1 – Sabe dizer o ano?

R – Sinceramente, eu comecei a gostar de Bangu. Minha irmã tinha um terreno, me fez uma proposta e eu vim construir aqui. Na verdade, eu hoje estou há três anos em Bangu.

P/1 – Mantém vínculos em Morro dos Prazeres? Teve alguém lá que o senhor deixou, algum vínculo?

R – Minha família é grande, queira ou não queira, eu tenho algum vínculo em Morro dos Prazeres. Com certeza sim, o último a sair recentemente, agora, foi meu sobrinho.

P/1 – Ficou muita gente?

R – Não, pouquíssima.

P/1 –Era bom morar na área? E quanto durou?

R – Tudo é bom enquanto dura. Essa é a grande resposta.

P/1- Eu falei em problema de água. Sabe me dizer como é que era?

R – Era uma grande dificuldade mesmo [risos]. Nós tínhamos problema de bombeamento, o morro era muito alto, às vezes, acontecia de queimar algumas peças.

P/1 – Me conta um pouquinho da luz [risos].

R – A luz, vou te contar uma fase. Minha mãe, como era uma das moradoras mais antigas da comunidade, ia à Light sempre com aqueles problemas: colocavam o relógio para aqueles que tinham uma grande influência, conhecimento. E minha mãe tinha grande contato com um morador na época que era um dos baluartes da comunidade e chamava-se Severino Tatu, e que nos cedia a luz. Mas sendo que – isso é ponto fundamental na história do Morro - depois das 16 horas, vamos dizer, 18 horas, você teria que desligar: ou você desligava a televisão, a geladeira ou não ligava o ferro de passar. Senão, sua luz caía para zero, porque era um relógio que era pra ser distribuído por mais de 500 ou mais famílias.

P/1- Senhor Heitor dos Prazeres, lembra de alguma rezadeira que tivesse ali no Morro dos Prazeres?

R – Tivemos muitas, por exemplo, a dona Zuleide, a dona Isaura, a minha mãe também rezava. Deixa eu ver mais quem...A memória me falha. Mas essas eram as três mais conhecidas na comunidade.

P/1- Tem algum campo de futebol?

R -Tinha a Barreira, tinha a Madame, que hoje é uma das quadras mais belas da comunidade. E tinha o Pombal que, quando cheguei a presidente, fui um dos maiores mentores. Fiz o maior campeonato da comunidade de futebol society, não tirando o mérito dos meus amigos.

P/1- Vamos passar um pouquinho para o Casarão dos Prazeres. Você lembra dele, teve algum contato com ele, esteve muitas vezes lá?

R - O primeiro contato que eu e outras pessoas tiveram lá é porque tinha uma igreja. Depois passou a ter excursões periódicas.

P/1- Antes de se chamar Casarão dos Prazeres, tinha outro apelido? Qual era?

R – Outro apelido? Agora você me pegou, acho que é moda isso aí. Vocês vão lá e estão resgatando o (Espado?), onde eu namorei bastante. Tive vários relacionamentos, mas no bom sentido.

P/1- Estudou no Casarão dos Prazeres?

R - Não tive essa oportunidade, só de ter algumas aulas de religião lá, no caso a católica.

P/1- Participou de algum filme no Morro dos Prazeres?

R – Já participei daquele do Shazan, Xerife e Cia, do Paulo José, do Flávio Migliaccio, aquele da bicicleta. Como é que é o nome daquele filme do Paulo José? Eu fazia a parte da segurança, junto com os amigos.

P/1 – Vamos falar um pouquinho da Associação dos Moradores? Com quem foi dada a formação da Associação dos Moradores do Morro dos Prazeres (AMMP)?

R - Eu vou ser franco com você. Até então, eu era o presidente mais novo da história da comunidade do Morro dos Prazeres. Antes de mim _____[barulhos e vozes confusas].

P/1 – Senhor Heitor da Silva, sabe me dizer quais os nomes dos fundadores da Associação dos Moradores do Morro dos Prazeres?

R - Se tratando de fundadores, teve o Zé Bernardo, Almir, Lauriano, (Laerte?) Pereira Lima. Tem muita gente que me falha a memória agora de lembrar, mas essas pessoas foram importantes para que a comunidade se encontre hoje nessa situação.

P/1 – O senhor lembra como foram chegando os novos habitantes do Morro dos Prazeres?

R - Aí eu pergunto a você, como você me fez a pergunta: Como foram chegando os novos habitantes..?

P/1 – Os recém chegados.

R – Ah, líderes da comunidade. Se você faz a entrevista dentro da comunidade, você há de convir que não vai encontrar raízes, são poucas. A verdadeira raiz da comunidade hoje não se encontra dentro da própria comunidade.

P/1- Qual a avaliação que o senhor faz do futuro da comunidade Morro dos Prazeres?

R – Apesar de hoje não estar convivendo com essa comunidade - da qual eu não tenho nada a reclamar, até porque convivi com ela 40 anos. E 40 anos não são 40 dias. E pra mim foi uma das coisas mais gostosas da vida, até porque me deixou viver o tempo todo. Então, eu não posso questionar nada. Eu saí por uma necessidade na qual eu achei melhor, a gente quis um lugar melhor pra ficar. Mas, sinceramente, pelo pouco que eu a conheço agora, pelo que eu ouço o pessoal dizendo, os meus amigos, os poucos que estão lá, eu vejo que não tem muito a ver com aquela comunidade do Morro dos Prazeres.

P/1- Era melhor?

R - Era muito, muito boa.

P/1 – Agora, Terminando essa entrevista, vamos passar para alguns documentos e fotografias. Senhor Heitor, eu sei que você já foi presidente da Associação do Morro dos Prazeres. Pode nos dizer alguma coisa sobre os Acadêmicos dos Prazeres, onde o senhor foi diretor e fundador?

R – Fui presidente da Associação do Morro dos Prazeres, se não me falha a memória – tenho que pegar um documento até pra provar - na

década de 1980. Eu tive uma pequena participação, hoje eu considero uma passagem muito boa para a comunidade até porque a creche foi mantida. Na associação, nós tínhamos um trabalho de carteiro comunitário, o serviço de alto falantes e implantamos também o gari comunitário. Não é minha essa obra, no caso seria do Zé Bernardo, ele lutou bastante. Isso veio de complemento dentro da minha gestão.

P/1- O senhor pode me dizer também dos mutirões que tinham no Morro dos Prazeres pra limpar as ruas, as vielas?

R - Não foi dentro daquele período no qual eu era presidente, mas cheguei a pegar. Era um trabalho muito bom, chegou a acrescentar bastante para a comunidade.

P/1 – Voltando aos Acadêmicos dos Prazeres. Eu fiquei sabendo que tinha um general que atrapalhava um pouquinho as montagens.

R – Esse general atrapalhou bastante. No regime militar, o militar sempre teve maior força no sentido não só bairrista, mas em termos nacionais, eles que mandavam. A gente tinha que bater um samba durante um período, começava às oito horas e aí quando chegava meia noite, 23 horas e o general mandava recolher. Mandava a polícia, brigava conosco. E a gente, naquela luta incansável dentro da comunidade, não só eu como os meus demais amigos.

P/1- E era a aquela briga. General ____

R - Com a comunidade ____

P/1- E aí? O que acontecia?

R – Acontecia que a gente parava o samba. Ele não ia, mandava, porque a influência dele era muito grande. Como general, os militares fazem parte da comunidade Santa Teresa. Como é um bairro cultural, mas muito hospitaleiro, quieto, não tinha muita atividade. E como nosso morro perturbava o silêncio, não só dele, mas de toda a vizinhança, prevalecia sempre o lado do mais forte. General é general.

P/1- E o povo do Morro dos Prazeres continuou a contestar, a brigar pelo espaço dele?

R - A luta era constante. Daí, a gente sempre lutou por aquilo que era nosso, até porque era uma das nossas diversões. Era uma das nossas diversões de fim de semana, a gente tinha que lutar pelo nosso objetivo.

P/1- Venceram?

R – Chegou um período que ele veio a falecer e acabou aquela perturbação. É lógico que a gente lutou para que isso viesse a acontecer. Mas Deus achou por bem levá-lo e aí a paz reinou e o samba passou a participar, ter uma participação ativa e surgiu uma nova equipe.

P/1 – Todo mundo comenta que o senhor vestia o seu filho, de dois anos na época, de diretor? O que era isso?

R - Verdíco, tenho até fotos para comprovar. Isso fazia parte do meu dia a dia, era uma coisa que estava dentro do samba e meu filho representava.

P/1 – O seu filho e a família?

R – A família faz parte do meu _____. Por exemplo, a primeira dama: ela participava dos meus trabalhos culturais, fazia algumas alegorias para o bloco, porque eu era o responsável por essa parte artesanal. E tinha como carnavalesco meu sobrinho, a quem cabia essa responsabilidade de fazer as alegorias do bloco dos Acadêmicos dos Prazeres.

P/1 – Senhor Heitor, me diga, por que o bloco acabou? O povo era tão assim chegado ao bloco, gostava muito, desfilava, mas por que ele terminou?

R – Vou ser franco com você, veja bem, eu sei porque o bloco terminou. O poder aquisitivo da comunidade era bem baixo, a subvenção não dava suporte para a gente manter a nossa agremiação. E você sabe, às vezes, numa comunidade carente, aqueles que têm uma postura e uma sobrevivência um pouquinho melhor não é porque é gente humilde. Quem vive em Copacabana, é gente de elite. Às vezes você reside em um lugar e se situa melhor que outras pessoas. Então passou uma camada de pessoas que achavam aqui que a diretoria fundadora estava ganhando dinheiro em cima do bloco. E na verdade não era isso. Acharam por bem de fazer uma fusão e não deu certo. Se tornou a Aliança da Liberdade, o que veio a acabar com o Acadêmicos dos Prazeres. Esse foi o grande pecado que aconteceu no Morro dos Prazeres.

P/1- Sobre a Associação dos Moradores, que eu vi que o senhor queria falar mais um pouco. Tem alguma coisa a falar ou comentar sobre a Associação dos Moradores naquela época?

R - Na verdade, o pouco que eu deixei, isso tudo é questão de sucessão. Cada governo tem as suas ideias, isso não podemos questionar e eu pensava que poderia manter um trabalho. Infelizmente meu trabalho foi interrompido, até porque não tinha terminado o meu mandato, e não pude dar sequência àquilo que eu pensava que seria um bem pra comunidade. Mas que a prefeitura insiste no projeto maravilhoso, haja visto a favela-bairro. Uma luta da comunidade por urbanização, vias de acesso mais frequentes pra gente poder transitar, mas esse projeto em si, na verdade, na minha concepção, pelo pouco que eu estou vivendo hoje, que eu vejo, ouço as pessoas que vivem lá falar, não foi aquele esperado, haja visto

a creche que deveria existir lá em cima, até então não saiu do papel, está lá o esqueleto e a gente está aguardando. Eu fico triste, porque eu achava que iria crescer. A prefeitura em si, que era na época do Luiz Paulo Conde, que nos prometeu; inclusive eu tenho documentos que provam; há os projetos. Tem aí que eu vou te dar, alguns documentos que comprovam esses projetos, todo aquele projeto do Morro dos Prazeres no qual eu fui na Prefeitura. A favela-bairro estava lá existindo.

P/1 – O senhor pode me dizer daquela pessoa que veio de outro país, não me lembro qual país, que veio pra fazer uma pesquisa no Morro dos Prazeres, que até conviveu na sua casa vários meses? Quer me dizer alguma coisa sobre ele?

R – Até bom você fazer essa pergunta. Veja bem, ele chegou no estado do Rio de Janeiro e o nome dele é Daivi Iaxhif, mora em Tóquio, no Japão; é engenheiro. Ele queria conhecer Santa Teresa, ele falou: “Eu queria saber como é que era a vida de um morador que vive numa comunidade carente.” Falaram: “Poxa, vai lá, na Associação dos Moradores do Morro dos Prazeres e procura o Heitor.”. Na época, não sei se era o Trajano Ribeiro que era o Secretário da Cultura, não estou lembrado, e ele foi, fez um trabalho, um estudo de como era a vida do morador em uma comunidade carente. Daivi Iaxhif conviveu comigo durante duas semanas, essa foi uma experiência que eu tive.

P/1 – Ele fez o relatório dele e levou pro país dele, o Japão, e continuou _____

R – Mantendo contato comigo, aliás, eu tenho correspondência comigo aqui. Infelizmente eu não posso responder, porque eu não convivo mais na comunidade do Morro dos Prazeres. Ligo pra ele, me relaciono com ele, e ___ no Estado do Rio de Janeiro.

P/1 – Ele continua se correspondendo com o senhor pra saber como é que está a comunidade? Se melhorou?

R – Continua.

P/1 - O senhor pode nos dar alguma carta dele, que ele lhe enviou?

R – Com certeza. Não só dele, como o presidente da comunidade teve um estágio também no exterior, passou algum tempo lá explicando como era nossa vida aqui. Não me lembro agora não, mas posso te dar um documento onde você verá.

P/1 - Então Morro dos Prazeres teve muitas pessoas de fora interessadas em colaborar com a melhoria de Morro?

R – Com certeza, principalmente o Consulado da Áustria, que nos ajudou bastante. Se não me engano, o cônsul na época, senhor Peter da Áustria, fez grandes obras no Morro dos Prazeres, contribuiu bastante. A creche, foi ele quem construiu, teve uma participação tremenda, inclusive ganhou até o título de cidadão honorário da Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro.

P/1 – Senhor Heitor. A gente pesquisando, eu e mais outra, informação que o senhor

R – Vamos dizer, colaborar com algum trabalho que está sendo feito? Com certeza, o meu interesse é ter essa participação. Agora, eu acho que vocês poderiam também, não só me entrevistar, mas tem outras pessoas que hoje residem na comunidade e que podem ter essa participação.

P/1 - Quem são essas pessoas? O senhor pode me indicar?

R - Ednaldo da Silva Teles.

P/1 - Ednaldo.

R – Senhor Anselmo, Davi Lopes Monteiro, senhor Getúlio, temos o senhor Carlos Henrique, senhor João ____ que era também o nosso presidente na época. Nós fomos os fundadores, eu na época era Diretor Social, responsável pelos eventos sociais da comunidade, no caso festividades.

P/1 - O senhor pode me dizer: Essa época em que o senhor morou, conviveu com os Acadêmicos, foi boa?

R – Ótima, foi uma coisa maravilhosa, até porque foi como se fosse uma ___ como meus _____. Uma coisa fundada pela gente, com nosso esforço. A Barreira, que hoje você vê, essa quadra maravilhosa aí, isso aí foi feito pela gente, dançamos em cima de barro. Essa quadra de hoje era uma coisa que a gente lutava bastante para ter. Infelizmente, no nosso tempo, não conseguimos fazer isso, mas vejo com tristeza que não é aquilo que a gente sempre pensou, até porque as pessoas que fundaram o bloco não se encontram na comunidade, uns se foram, outros partiram pro outro lado e outros estão com vida, mas em outros locais.

P/1 - Senhor Heitor. Muito obrigada pela entrevista e boa tarde.

R – Eu só quero fazer uma colocação. Sendo que isso é uma matéria que vocês vão apresentar, consta que eu deixei passar alguma coisa em branco, mas eu peço perdão porque o tempo se passou e a gente não tem a memória, mesmo você querendo não consegue guardar tudo aquilo que se passou, que eu convivi no qual eu fui fundador, como outros irmãozinhos. Não foi por maldade, pelo contrário. Nem tampouco querer aparecer em cima desse grupo, mas sim, falta mesmo de memória, até porque a vida não dá tempo para que a gente possa resgatar os bons e os maus momentos que a vida nos proporcionou.

P/1 – Senhor Heitor. Boa tarde. E muito obrigado.

R - Muito obrigado e eu quero até agradecer você.

P/1- Heitor dos Prazeres cantará um samba agora.

R - Hoje no Acadêmicos dos Prazeres... Já está gravando? Um dos diretores fundadores do Acadêmicos dos Prazeres, vem lembrar uma das histórias que a gente passou em nossa comunidade, na década de 1980, onde a gente lembrava como tema do Carnaval: “O Negro e o Brasil”. Vamos lá.

(Entrevistado canta)

Oh. Brasil!

Dê graças aos braços negros em seus progressos

Hoje o acadêmico se senta

Pra contar essa história em verso.

Foram três séculos de sofrimento

Como padecia na Central

Mas Kangazumba e Zumbi

Da fazenda

Conseguiram fugir.

Oh. Mas Kangazumba e Zumbi

Da fazenda

conseguiram fugir.

O baluarte de proteção

Vou dividir até a morte.

Já não suportava a solidão.

P/1- E Chica da Silva?

R – (Entrevistado canta)

Chica da Silva

Com capricho extravagante

Com mais outras

Lá na loucura

Fizeram

Dos seus senhores amantes

Mas José do Patrocínio

Com seu amor secreto

Com a princesa Isabel

E assinando a lei Áurea

Livrando os negros

Do cativeiro cruel.

Trabalhava noite e dia.

Felicidade não existia.

E procurava a alegria.

Era a liberdade que surgia.

Oh. Oh. Oh. Oh.

O candomblé da Bahia

No Brasil inteiro

Essa era uma das obras mais lindas que o Morro dos Prazeres teve pra contar, até porque em se tratando dos Prazeres, não tinha nada melhor para dizer do sobre o negro no Brasil. Vai ficar pra próxima oportunidade e com mais tempo a gente vamos lembrar, um bate papo da comunidade